

FACULDADES INTEGRADAS REGIONAIS DE AVARÉ

Licenciatura em História

Idade Média: Entre Sombras e Luzes

Maria Helena de Oliveira

Avaré

2017

FACULDADES INTEGRADAS REGIONAIS DE AVARÉ

Licenciatura em História

Idade Média: Entre Sombras e Luzes

Maria Helena de Oliveira

Orientadora: Prof^ª. MSc. Dinamene Gomes Godinho Santos

**Trabalho apresentado como exigência parcial
para obtenção de grau de Licenciado em
História.**

Avaré

2017

MARIA HELENA DE OLIVEIRA

IDADE MÉDIA: ENTRE SOMBRAS E LUZES

COMISSÃO EXAMINADORA

Avaré, ____ de ____ de 2017.

Aos meus pais, Maria Isabel e Pedro Luís, por me apoiar e incentivar sempre.

Agradecimentos

Primeiramente agradeço a Deus, por me possibilitar o dom da vida.

Inicio os agradecimentos por meus pais, que sempre primaram pela minha educação. Obrigada Maria Isabel e Pedro Luís por, além de me oferecerem a oportunidade de estudar, sempre estarem presentes em minha vida, sou muito feliz e grata por isso. Querida mãe devo a você muito mais do que posso retribuir, suas palavras sempre me deram mais confiança, tranquilidade e força. Não posso deixar de agradecer ao meu irmão, Bruno Luís, por ser sempre orgulhoso em dizer que sou sua irmã.

A professora e orientadora MSc. Dinamene Gomes Godinho Santos, meus sinceros agradecimentos. Poucos são tão privilegiados como eu por ter tido a oportunidade de conviver com uma pessoa tão dedicada, eficiente, objetiva e diligente. A você professora, meu muito obrigada, pois sem você este trabalho não teria existido, não existe algo melhor do que ver em seus olhos toda essa paixão pelo que faz e, a forma como expressa seu orgulho e satisfação pelos seus alunos. Ao final, digo com certeza, que pode ter o sentimento de missão cumprida.

Aos meus grandes amigos, Rudney Quirino, Ítalo Franciscon, Larissa, João V. Nogueira e Alex Mayer pelas excelentes e construtivas discussões diante da “mesa redonda” a qual comparecíamos em todos os intervalos ou sempre que podíamos, algo que me marcou consideravelmente, pois sou grata a esta união sólida que foi possibilitada no decorrer desses três anos. Agradeço em especial Ana Beatriz, por ser uma grande amiga e portadora de um companheirismo incomparável, sou extremamente grata a você por todas as incríveis conversas.

Finalmente, agradeço a todos os professores que contribuíram para a minha formação, cada qual portador de características específicas que possibilitaram a construção de novas ideias, obrigada pelas indicações de livros e por todo incentivo no decorrer desses três anos, de cada um levarei um pouco. Agradeço também todos os funcionários do FIRA, por toda a atenção e disposição.

A todos meu muito obrigada!

OLIVEIRA, Maria Helena de. **Idade Média: Entre Sombras e Luzes**. 28 f. Monografia (Licenciatura em História). Faculdades Integradas Regionais de Avaré, Avaré, 2017.

RESUMO

O presente trabalho busca compreender os conceitos de Idade Média difundidos através da História levando em consideração o tempo histórico em que se inseria a sociedade da época, demonstrando, a partir de diferentes visões, o verdadeiro significado que este vasto período representou para o desenvolvimento europeu. Tendo em vista as diferentes análises sobre o período medieval, que se estendeu do século V ao século XV, pretendeu-se analisar os objetivos das críticas à Idade Média, assim como as diversas visões dela suscitada. A metodologia usada foi pesquisa bibliográfica, embasando-se nos estudos de autores que falaram sobre o conceito de Idade Média e sua significação para a modernidade: Le Goff (1980) elaborou o livro “Para um Novo Conceito de Idade Média”, que apresenta uma interpretação aprofundada sobre o período; Franco Júnior (2001) através de seu livro “A Idade Média: Nascimento do Ocidente”, demonstrou a complexidade que compõe todo o medievo. O trabalho também foi embasado em outras fontes bibliográficas de grande importância para o entendimento do pensamento medieval. Essa pesquisa visa promover uma visão mais acentuada da Idade Média, atentando-se às transformações que se estabeleceram a partir do século XV. Após o desenvolvimento da pesquisa, concluiu-se, entre outros, que qualquer período da História é, indubitavelmente, importante para desenvolver aquilo que chamamos hoje de presente, pois é necessário compreender os fatos ocorridos no passado para identificar as bases onde hoje se engloba a mentalidade contemporânea e como se deu sua formação.

PALAVRAS CHAVE: Conceito de Idade Média; Tempo Histórico; Historiografia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. AS CARACTERÍSTICAS DO DESENVOLVIMENTO DO PERÍODO MEDIEVAL EM RELAÇÃO ÀS NECESSIDADES DA POPULAÇÃO DESTE MOMENTO	9
3. OS CONCEITOS DE IDADE MÉDIA DIFUNDIDOS ATRAVÉS DA HISTÓRIA	11
3.1 A Idade Média para os Renascentistas.....	13
3.2 A Idade Média para os Iluministas.....	16
3.3 A Idade Média para o Romantismo.....	18
3.4 A particularidade do pensamento de Michelet.....	20
4. A IDADE MÉDIA ATRAVÉS DO OLHAR DO SÉCULO XX: O POSITIVISMO E A ESCOLA DOS ANNALES.....	21
5. CONCLUSÕES	26
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	28

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo ressaltar quais foram os fatores que promoveram uma nova perspectiva em relação ao período conhecido como Idade Média.

Durante muito tempo, a Idade Média foi comumente interpretada como “A Idade das Trevas”, pois a apresentavam de forma pejorativa, ou seja, tratavam esse intervalo como tempos “obscuros” e “grosseiros”.

A expressão “Idade das Trevas” se manifestou a partir do século XIV, criada por Francesco Petrarca (poeta italiano).

O período que sobreveio à queda do Império Romano, é geralmente conhecido pelo nada lisonjeiro epíteto de Idade das Trevas. Deu-se-lhe essa designação para significar, em parte, que as pessoas que viveram durante esses séculos de migrações, guerras e sublevações estavam mergulhadas na escuridão e tinham escassos conhecimentos para guiá-las; mas também para assinalar que pouco sabemos a respeito desses séculos confusos e desconcertantes que se seguiram ao declínio do mundo antigo e precederam o surgimento dos países europeus na configuração geográfica em que mais ou menos os conhecemos hoje. (GOMBRICH, 1999, p.157)

Esta pesquisa buscou uma interpretação mais positiva sobre o medievo europeu, levando em conta que o homem evolui conforme as suas necessidades e que, embora toda História seja produto de uma perspectiva contemporânea, pois a “História é filha de seu tempo”, cada período histórico apresenta suas características próprias, partindo do meio em que foi estruturado. Sendo assim, existem inúmeras maneiras de se ver o passado, isto é, cada historiador é responsável por uma dada interpretação do passado, dependente de sua postura historiográfica, recorrendo às suas fontes históricas, trabalhando através de documentos primários e secundários.

A Idade Média foi um período composto por inúmeros fatos que ampliaram seu grau de complexidade. Pode-se citar como exemplo, o desenvolvimento da cultura cristã, as heresias, as peculiaridades de um contexto político descentralizado, a percepção do tempo no interior dos feudos. Esses são apenas uma minoria de fatores que podem revelar claramente que esse vasto período histórico apresentou grandes contribuições para o desenvolvimento do homem.

Na perspectiva de revisitar os variados contextos nos quais a Idade Média foi analisada, esta pesquisa foi dividida em três partes.

No primeiro capítulo, foram abordadas as características do desenvolvimento do período medieval, levando em consideração as necessidades da população da época. Essa análise é muito importante para entender como a população se desenvolveu perante as dificuldades apresentadas. Para isso, utilizou-se de autores como: LE GOFF (2009); FRANCO JR (2001);

HEERS (1981) e ECO (2010). Com isso, foi possível argumentar sobre diversos aspectos que contribuíram para formação do homem ocidental.

O segundo capítulo foi estruturado em quatro partes: primeiro foi realizada uma breve apresentação dos conceitos de Idade Média que foram difundidos através da história. Para isso foram utilizados os escritos de: FRANCO JR (2001); INÁCIO e DE LUCA (1994) e LE GOFF (2005) (2003). Depois procurou-se trabalhar a interpretação dada à Idade Média a partir do ponto de vista dos renascentistas, isto é, mostrou-se que o Renascimento atribuía uma imagem superficial para este período, os autores que trabalharam com essa visão e que foram utilizados nesta pesquisa foram: GOODY (2011); DELUMEAU (1994); INÁCIO e DE LUCA (1994); LE GOFF (2009) e FRANCO JR (2001). Em seguida, abordou-se o medievo a partir da visão dos iluministas, com isso foi possível perceber novamente uma visão de obscuridade em torno da Idade Média, visto que, os iluministas se viam como a luz que remete à razão, negligenciando todo conhecimento que não fora produzido a partir desse prisma. Para a abordagem deste assunto, foram necessárias a utilização das seguintes fontes: FRANCO JR (2001); FORTES (1987); MARCONDES (2001) e INÁCIO e DE LUCA (1994). A quarta parte explorou, de forma breve, a Idade Média a partir do ponto de vista do Romantismo. Com esse estudo, foi possível perceber o momento que a Idade Média começou a ser vista de uma outra forma, porém de forma fantasiosa e idealista, para trabalhar com essa visão romântica foram utilizados autores como: ROSENFELD (1969); MARCONDES (2001) e FRANCO JR (2001). Após destacar todas essas visões, a última questão a ser trabalhada, ressaltou a particularidade do pensamento de Michelet que foi apresentada de forma breve através da análise feita por LE GOFF (1980) em seu livro “Para um Novo Conceito de Idade Média”, onde o autor dedica um capítulo específico à forma como Michelet escrevia a história.

No terceiro e último capítulo, talvez o ponto mais importante da pesquisa, mostrou as interpretações que tratam a Idade Média através de uma análise que respeita seu tempo histórico. Esta interpretação complexa foi mostrada através da Nova História, uma abordagem que surgiu com a Escola dos Annales, fundada por Lucian Febvre e Marc Bloch em 1929. As bibliografias utilizadas na construção desse capítulo foram: BURKE (1992); BLOCH (2001); REIS (2004); LE GOFF (2007); ECO (2010); FRANCO JR (2001) e CANABARRO (2008). No mesmo capítulo, foi apresentado rapidamente, uma visão geral do pensamento positivista através da interpretação de SCHAFF (1995).

2. As características do desenvolvimento do período medieval em relação às necessidades da população deste momento

Para a realização da análise à qual essa pesquisa se propõe, faz-se necessário detalhar como se deu a construção das características do período medieval após a queda do Império Romano do Ocidente, pois é de suma importância conhecer o passado para que, assim, possa-se desenvolver uma interpretação favorável da história anterior. Segundo Le Goff: “É importante conhecer o passado para compreender melhor o presente, para saber em que estamos dando continuidade a ele, em que estamos nos separando dele”. (LE GOFF, 2009, p.1)

No decorrer dos mil anos após a queda do império Romano ocidental, a Europa tomou a forma e características que percebe-se hoje. A Idade Média começou no quarto e quinto séculos com o encontro de dois povos e duas sociedades, germânicos e romanos. Nesta época, quando os germânicos invadiram o Império Romano e dominaram a Gália, Espanha, Inglaterra e Itália, Roma era apenas um pobre cenário e as duas sociedades não eram tão diferentes.

É importante lembrar que, entre o terceiro e quarto séculos um colapso demográfico e econômico estava desgastando a rede de estradas e cidades que as legiões estabeleceram para proteção, diminuindo o conforto e a cultura da minoria urbana, e quando a civilização urbana do Império desmoronou a estrutura rural pré-romana reapareceu.

Do ponto de vista demográfico, a primeira fase foi um prolongamento da situação do Império Romano, cuja a população conheceu um clero recuo desde o século II. Com a crescente desorganização do aparelho estatal romano, foram rareando as importações de gêneros alimentícios que tinham por séculos permitido a existência de uma grande população urbana. As cidades começaram a se esvaziar, cada região tentou passar a produzir tudo aquilo de que necessitasse, tal fenômeno paradoxalmente aumenta a insegurança, pois bastava uma má colheita para que a mortalidade naquele local rapidamente se elevasse, devido às dificuldades em obter alimentos em outras regiões. Não por acaso a hagiografia da época frequentemente relatava milagres alimentares: santo era sobretudo o homem que conseguia alimentos para seus concidadãos. (FRANCO JR, 2001, p.19)

Com relação aos bárbaros, deve-se ter em mente que “bárbaro” é uma denominação dada aos povos de origem germânica, ou melhor, é uma questão de referência. Neste caso, os bárbaros são aqueles apresentados como opostos dos gregos e romanos, ou seja, os que não eram portadores da cultura greco-romana e que não falavam a língua predominante que, no caso, seria o latim.

Os gregos, depois os romanos, designavam pelo nome de bárbaros todos os povos declaradamente estrangeiros, rebeldes à sua civilização, seu modo de vida, suas estruturas econômicas e sociais, sua cultura, e mesmo à sua língua. De fato, o bárbaro, ao longo de todo o Império, é o homem das estepes ou das florestas, nômade mesmo nas cidadelas de agricultores, incapaz em todo caso de assimilar a civilização greco-romana, essencialmente urbana. Por volta do século V, a palavra é sobretudo cômoda para dissimular uma ignorância quase total dos povos além dos limites. (HEERS, 1981, p.14)

Esses povos, em contato com os romanos, transformaram as relações políticas, econômicas e sociais da Europa. Tem-se, por exemplo, o fim da unidade política (uma vez que vários reinos vão se estabelecer) e a valorização do *comitatus*, que é a interdependência entre os senhores e seus guerreiros, segundo Heers: “Desses choques nasceu nossa civilização medieval, civilização de síntese, onde é difícil distinguir as tradições romanas e as múltiplas contribuições bárbaras”. (HEERS, 1981, p.25)

Clãs e bandos agruparam-se em torno dos grandes possuidores de terras, de líderes das vilas ou chefes tribais que representavam a base das relações sociais. Senhores locais vivendo em grandes vilas ou em suas propriedades rurais tornaram-se um verdadeiro poder no campo, este voltou a ser o que era antes da conquista romana: a base real da economia, e, com o tempo, acabou se tornando toda a economia. Esta mudança foi radical para as cidades, geralmente associadas à civilização, mas era menos perceptível no campo que permaneceu em seu ritmo, não importando quem nele vivesse.

A economia básica dos reis, senhores e outros de alta casta como, cavaleiros, bispos e padres vinham da terra, dos camponeses que trabalhavam na terra. Mas isso era apenas para sobrevivência, não pagava pelas armas, luxos ou especiarias que tinham que ser financiados pelo exercício bem sucedido da violência. Esta economia perfeitamente funcional motivou relações pessoais, serviços pessoais, lealdade e obediência, tudo era baseado na troca de presentes e serviços, de baixo para cima os fracos procuravam proteção de um poderoso, de cima para baixo os fortes procuravam homens para trabalhar e lutar por eles.

Posteriormente, esses relacionamentos seriam reconhecidos como a estrutura feudal da sociedade na forma de vassalagem, avassalamento e latifúndio. Ofereciam a solução aos problemas econômicos das sociedades primitivas e turbulentas da Europa, mas isto não aconteceria repentinamente, o que é chamado de sistema feudal é uma generalização que cobre uma variedade de arranjos, votos, rituais e formalidades durante um longo período.

Segundo Bloch, o feudalismo é um tipo de sociedade, baseado num amplo desenvolvimento de elos de dependência pessoal, no fracionamento do poder público e na supremacia de uma classe de guerreiros. Segundo Ganshof, o feudalismo deve ser entendido, de um modo mais específico, como um conjunto de instituições que

criam e regulam obrigações de obediência e de serviço, principalmente militar, por parte de um homem livre, chamado vassalo, perante outro homem livre, chamado senhor, e obrigações de proteção e manutenção por parte do senhor perante o vassalo. (ECO, 2010, p.155)

No século X, a concentração em torno da produção feudal praticamente extinguiu o que restava da classe camponesa isenta de impostos. O senhor bem sucedido estabelecia seu direito a impostos e dízimos, seu monopólio da casa, seus direitos sobre florestas e terras públicas. Assim, o que hoje é chamado de sistema feudal, não é apenas um sistema, mas muitos sistemas com a desordem organizada concebida para subsidiar guerreiros profissionais explorando os não profissionais.

É possível perceber que o ser humano só evolui quando surge a necessidade, assim, se faz necessário levar em conta todo esse cenário em que o homem medieval se englobava. Com a crise no sistema feudal, devido a estabilidade social e o aumento populacional com o fim das invasões bárbaras e a diminuição da peste, ocorreu a necessidade de aumentar a produção, assim, houve um desenvolvimento tecnológico como: charrua, força animal, moinho de água, moinho de vento, para sustentar o número elevado da população que aumentava cada vez mais, segundo Franco Junior:

Uma segunda transformação importante ocorrida nos séculos XI-XIII foi possibilitada pela existência de um excedente agrícola, o revigoramento do comércio. Este passou a desempenhar um papel central na vida do Ocidente, com repercussão muito além da esfera econômica. É verdade que somente uma parcela muito pequena da população estava diretamente envolvida com as atividades comerciais, porém esse segmento social ganhava crescente importância. (FRANCO JR, 2001, p.39)

Todos esses aspectos levaram ao renascimento do comércio e ao retorno da vida urbana, com isso, o homem, antes preso à terra, se tornou livre para trabalhar na cidade e incrementar o desenvolvimento dos tempos atuais, pois formou-se um sistema pré-capitalista que mais tarde daria origem ao modo de produção atual.

3. Os conceitos de Idade Média difundidos através da História

Uma das mais significativas discussões sobre este período gira em torno do verdadeiro significado da expressão “Idade Média”, que é apresentada como um ínterim entre duas respectivas épocas que seriam: a Antiguidade Clássica e o Renascimento. Este último, segundo Hilário Franco Junior: “Se via como o renascimento da cultura greco-latina, e, portanto tudo

que estivera entre aqueles picos de criatividade artístico-literária não passara de um hiato, de um intervalo”. (FRANCO JR, 2001, p.11)

Em vista disso, cabe salientar que:

Nenhum período da História foi vítima de tantos preconceitos como a Idade Média. A própria denominação empregada para identificar os dez séculos que separam a queda do Império Romano do Ocidente (476) da conquista de Constantinopla pelos turcos otomanos (1453), parece atribuir a esse período duas únicas características próprias: a mediocridade e a mediação. Mediação, é verdade, carregada de conotações negativas: entre o esplendor greco-romano da Antiguidade e as ferveilhas transformações do Renascimento, a Idade Média apresentava-se como a “Idade das trevas”, a “longa noite dos mil anos” durante os quais a civilização ocidental teria quedado “adormecida”, soterrada em sangue, ignorância e fanatismo religioso. (INÁCIO; DE LUCA, 1994, p.7)

Logo, pode-se perceber que o conceito mais usado para tal período seria de um tempo intermediário, como se sua existência servisse apenas para marcar o lapso das grandes descobertas com valores elevados e o renascimento destes, pois o período compreendido entre os séculos V e XV seria resumido por uma estagnação intelectual.

É importante lembrar que, a Idade Média foi por muito tempo encarada como a “Idade das Trevas”. Os humanistas, renascentistas e posteriormente os iluministas, ao olhar para a Idade Média conseguiam apenas enxergá-la envolta por fanatismo religioso, intolerância, pestilências, fome e carnificinas, não conseguiam vislumbrar a racionalidade humana nesse período. Mas, em que momento começou a se manifestar essa expressão “Idade das Trevas”? Segundo Franco Junior, surgira com o italiano Francesco Petrarca.

Admirador dos clássicos, o italiano Francesco Petrarca (1304-1374) já se referira ao período anterior como de *tenebrae*: nascia o mito historiográfico de Idade das Trevas. Em 1469, o bispo Giovanni Andrea, bibliotecário papal, falava em *mediatempestas*, literalmente “tempo médio”, mas também com o sentido figurado de “flagelo”, “ruína”. A ideia enraizou-se quando em meados do século XVI Giorgio Vasari, numa obra biográfica de grandes artistas do seu tempo, popularizou o termo “Renascimento”. Assim por contraste, difundiram-se em relação com o período anterior as expressões *media aetas*, *media antiquitas* e *media tempora*. (FRANCO JR, 2001, p.11)

Pode-se dizer, a partir de interpretações de grandes medievalistas, que, existe uma infinidade de momentos importantes nesse período medieval, tanto político quanto cultural, esses mil anos não compreendiam apenas “trevas”. Muitas vezes passa-se despercebido que a sociedade na Idade Média não era homogênea, havia uma cultura popular e uma divisão entre regiões muito acentuadas na Europa.

O medievalista francês Jacques Le Goff, criticou as visões pejorativas sobre este vasto período histórico, pois as luzes que surgiram a partir do final do século XVI, faziam parte da

Idade Média. É possível perceber que com o desenvolvimento da “Nova História” as interpretações ganharam maior riqueza, muitos dos historiadores modernos passaram a demonstrar uma visão mais complexa sobre o medieval, não resumindo-o simplesmente como obscuridade.

Os historiadores modernos, conservando os termos, deram-lhes um conteúdo muito mais complexo e mais rico, de natureza mais social e antropológica do que jurídica. Hoje, fazemos a história da Idade Média quase sem recorrer a noção de feudo – o que mostra a extensão das mudanças. (LE GOFF, 2005, p.43)

Os inúmeros conceitos que transpassam através da História sobre a Idade Média apresentam seus determinados objetivos, é necessário, portanto, esclarecer cada um deles analisando os contextos nos quais esses conceitos foram difundidos, pois as ideias incorporadas por cada um, por exemplo, pelo Renascimento, está muito ligada à transformação do período em questão, na qual este pensamento renascentista se formou. O mesmo acontece para o Iluminismo e Romantismo.

Nesse contexto o intelectual da Idade Média vai desaparecer. O primeiro plano da cena cultural será ocupado por uma nova personagem: o humanista. Mas este só surge depois de assentada a poeira na qual se dissiparam seus predecessores. Esses antecessores não foram assassinados, eles provocaram essa morte, essa metamorfose. A grande maioria dos universitários, no correr dos séculos XIV e XV, preparou com suas negações o desaparecimento do intelectual medieval. (LE GOFF, 2003, p. 152)

3.1 A Idade Média para os Renascentistas

O Renascimento, um movimento que enfatizou as ideias do mundo clássico, foi descrito como o fim da era medieval, anunciando o início da era moderna. Suas causas eram muitas, todas profundamente interconectadas.

Iniciando com as “primeiras luzes” *primi lumi* do século XIV, o Renascimento é visto com frequência como o momento decisivo no desenvolvimento da “modernidade”, em relação não apenas às artes e às ciências, mas também, do ponto de vista do desenvolvimento econômico, em relação ao advento do capitalismo. (GOODY, 2011, p.11)

O contexto histórico da Europa no qual formou-se o pensamento renascentista apresenta a transição do sistema feudal para o sistema capitalista de produção, ou seja, o capitalismo em pleno desenvolvimento desde o renascimento comercial e urbano em contraponto com a decadência do sistema feudal de produção. Isto tudo acontecendo de forma simultânea. Além

disso, Florença foi identificada como a casa inicial do Renascimento, mas algumas histórias ampliam isso para a Itália como um todo.

Criada pelos humanistas italianos e retomada por Vasari, a noção de uma ressurreição das letras e das artes graças ao reencontro com a Antiguidade foi, seguramente, fecunda como fecundos são todos os manifestos lançados em todos os séculos por novas gerações conquistadoras. Essa noção significa juventude, dinamismo, vontade de renovação. Teve em si a inevitável injustiça das abruptas declarações de adolescentes, que rompem ou creem romper com os gostos e as categorias mentais dos seus antecessores. (DELUMEAU, 1994, p.19)

Passou-se, a partir do Renascimento, a questionar os dogmas da Igreja direcionando a visão anteriormente teocêntrica para uma visão antropocêntrica. Os pensadores humanistas desafiaram a mentalidade predominante, como a escolástica, permitindo que as novas mentalidades que sustentavam o renascimento se desenvolvessem.

Além do rompimento com a Igreja, o Renascimento se desenvolveu entre um período de paz e guerra, percebe-se que, talvez, os períodos de paz e de guerras tenham contribuído para que o Renascimento se espalhasse, tornando-se um fenômeno europeu. Pode-se citar, por exemplo, o fim da Guerra dos Cem Anos entre a Inglaterra e as facções da França, o que teria possibilitado que ideias renascentistas penetrassem nessas nações à medida que os pensamentos se afastaram desse conflito.

Em resumo, a época do Renascimento, quer dizer, esse grande período de mutação que começou no reinado de Felipe VI de Valois e terminou no de Luís XIII, é aquela em que a Europa se define politicamente, descobrindo, pelo exemplo italiano e pelo jogo da resistência francesa às ambições dos Habsburgos, a regra de ouro do equilíbrio entre potências. O ideal da unidade europeia, realizada sob a autoridade do imperador, foi substituído por uma relação de forças. (DELUMEAU, 1994, p.37)

Deve-se, após situar o Renascimento em seu contexto histórico, retomar o significado atribuído à Idade Média pelos renascentistas. Qual seria uma possível interpretação? A visão dos Renascentistas pode ser interpretada como algo superficial que ignora toda a conjuntura em que a Idade Média se englobava, ou seja, a cultura clássica era exaltada e glorificada enquanto que, a arte medieval era evidentemente tratada como “grosseira”, com isso surgira o nome de arte “gótica”, um sinônimo de “bárbara”. Mas, existiam variedades de termos negativos referentes a este período, as autoras Inês C. Inácio e Tania Regina de Luca expressam em seu livro “O Pensamento Medieval” vários desses termos utilizados para se referir à Idade Média, sendo, um deles, “lenda negra”.

O termo em si parece ter surgido entre filólogos do Renascimento preocupados com o desenvolvimento da língua latina, no qual reconheciam três fases: a Idade Superior ou a Alta idade, onde predominava o latim clássico e que se estendeu desde as origens

do Estado Romano até o reinado de Constantino; a Idade Média, abrangendo o período compreendido entre Constantino e Carlos Magno; e, por fim, a idade Inferior ou Ínfima, quando o latim apresentava-se corrompido e degenerado, desde Carlos Magno até o Renascimento.

Certos de terem regenerado a língua latina, os humanistas do século XVI acabaram por difundir a segunda e terceira dessas fases numa só idade de decadência, designando-a Média ou Intermediária. Os historiadores, por sua vez, apropriando-se acriticamente desse instrumental, passaram a ver os séculos medievais como intercalares do ponto de vista da civilização e, a partir do século XVII, o termo Idade Média generalizou-se, carregando consigo aquela conotação de “decadência”. (INÁCIO; DE LUCA, 1994, p.9)

Constata-se que, segundo os renascentistas, as descobertas que estavam levando ao progresso humano foram interrompidas na época medieval, como se o período entre os séculos V e XV fosse a escuridão depois da queda do Império Romano do Ocidente e a luz teria “despertado” com o Renascimento e o Iluminismo; este último, por sua vez, será discutido a *posteriori*. Com esta crescente admiração pelo mundo clássico, o sentido superficial atribuído à Idade Média se mantinha e inundava outros pensadores que mais tarde surgiram.

Segundo Le Goff, é possível perceber até os dias atuais o sentido pejorativo sobre o medieval presente em discursos de várias pessoas, porém sabe-se que, apesar de grandes conflitos, principalmente envolvendo a Igreja, a Idade Média significou uma combinação entre diversidade e unidade.

A diversidade é o nascimento daquilo que começa a construir as nações: a França e a Alemanha, a partir do século IX, a Inglaterra, no final do século XI, e também a Espanha, quando Castela e Aragão se reuniram pelo casamento de Isabel de Castela e Fernando de Aragão, no final do Século XV. A unidade, ou uma certa unidade, vem da religião cristã, que se impõe por toda parte. (LE GOFF, 2009, p.112)

Assim como Le Goff, Franco Junior nos mostra como o pensamento renascentista fez permanecer a ideia negativa do medieval. É importante lembrar que, a Idade Média só começa ganhar um aspecto mais positivo com o Romantismo, porém de forma fantasiosa. Este será um outro aspecto a ser explorado no decorrer desta pesquisa.

Será possível que mil anos de história represente apenas cenários de medo, agonia e dor? Segundo os renascentistas, foram anos de barbárie, superstição e uma decadência na evolução intelectual que havia se iniciado na Antiguidade. Cultivou-se o desinteresse em explorar o universo medieval composto por seus conjuntos complexos de fatos, invenções e a capacidade esplendorosa do ser humano de encontrar formas para sanar suas dificuldades.

Portanto, o sentido básico mantinha-se renascentista: A “Idade Média” teria sido uma interrupção no progresso humano, inaugurado pelos gregos e romanos e retomado pelos homens do século XVI. Ou seja, também para o século XVII os tempos “medievais” teriam sido de barbárie, ignorância e superstição. Os protestantes

criticavam-nos como época de supremacia da Igreja Católica. Os homens ligados às poderosas monarquias absolutistas lamentavam aquele período de reis fracos, de fragmentação política. Os burgueses capitalistas desprezavam tais séculos de limitada atividade comercial. Os intelectuais racionalistas deploravam aquela cultura muito ligada a valores espirituais. (FRANCO JR, 2001, p.12).

3.2 A Idade Média para os Iluministas

O século XVIII, conhecido como o “Século das Luzes” ou mais precisamente caracterizado pela filosofia Iluminista que teve seu maior destaque na França, iniciou-se com a propagação de um conjunto de ideias que condenava a mentalidade medieval e onde burgueses, intelectuais e artistas questionavam as características da Europa do Antigo Regime. Este pensamento se fundamentava principalmente na Razão e refutava o controle promovido pela Igreja Católica.

O século XVIII, antiaristocrático e anticlerical, acentuou o menosprezo à Idade Média, vista como momento áureo da natureza e do clero. A filosofia da época, chamada de iluminista por se guiar pela razão, censurava sobretudo a forte religiosidade medieval, o pouco apego da Idade Média a um estrito racionalismo e o peso político de que a Igreja então desfrutara. Sintetizando tais críticas, Denis Diderot (1713-1784) afirmava que “sem religião seríamos um pouco mais felizes”. Para o marques de Condorcet (1743-1794), a humanidade sempre marchou em direção ao progresso, com exceção do período no qual predominou o cristianismo, isto é, a Idade Média. Para Voltaire (1694-1778), os papas eram símbolos do fanatismo e do atraso daquela fase histórica, por isso afirmava, irônico, que “é uma prova da divindade de seus caracteres terem subsistido a tantos crimes”. A posição daquele pensador sobre a Idade Média poderia ser sintetizada pelo tratamento que dispensava à Igreja: “a infame”. (FRANCO JR, 2001, p.12)

Quando fala-se de direitos humanos nos dias de hoje, está se usando a linguagem e expressando princípios da burguesia do século XVIII, que falava sobre a liberdade e progresso do homem. Tem-se, por exemplo, a Declaração dos Direitos do Homem publicada na França em 1789 que, vale ressaltar, foi uma mudança fundamental que seria enfatizada por revolucionários americanos e franceses. Segundo Luiz R. S. Fortes, “foi no século XVIII - em 1789, precisamente - que uma Assembleia Constituinte – produziu e proclamou em Paris solenemente, a primeira “Declaração dos Direitos do Homem e do cidadão” de que se tem notícia”. (FORTES, 1987, p.7)

No século XVIII, a burguesia se auto considerava apenas como “humanos”, e os interesses que buscavam não eram considerados interesses de classe, mas sim, válidos para todos. Essa universalização de princípios e interesses específicos estimularam uma pretensão

de que, o que era bom para a burguesia era bom para todos. Foi nesta época que surgiu um grande conjunto de ideias que dava uma profunda valorização para a razão e para o homem.

[...] É a este movimento cultural prodigioso que domina a Europa Ocidental – especialmente a França, Inglaterra e a Alemanha – dos dois últimos decênios do século XVII até mais ou menos 1780 que se costuma chamar de “Iluminismo” ou de “Filosofia das Luzes” ou ainda de filosofia da “Ilustração”. (FORTES, 1987, p.9)

Passou-se a aceitar as leis científicas e rejeitar a magia e a feitiçaria, isto é, os pensamentos dogmáticos antes presentes na Idade Média foram substituídos pela razão, que seria uma forma de libertação do homem. Tem-se então, uma oposição às chamadas “trevas” em que, segundo alguns pensadores, a ignorância predominava. Não existia liberdade, ou seja, racionalidade.

A própria noção de Iluminismo, Ilustração, ou ainda Esclarecimento, como o termo é por vezes traduzido, indica, através da metáfora da luz e da claridade, uma oposição às trevas, ao obscurantismo, à ignorância, à superstição, ou seja, à existência de algo oculto, enfatizando, ao contrário, a necessidade de o real, em todos os seus aspectos, tornar-se transparente à razão. O grande instrumento do Iluminismo é a consciência individual, autônoma em sua capacidade de conhecer o real; suas armas são, portanto, o conhecimento, a ciência, a educação. (MARCONDES, 2001, p.202)

Mantendo a razão como principal característica, o Iluminismo passou a defender uma separação entre Estado e Igreja. Deve-se atentar que, ao observar o pensamento de alguns pensadores iluministas fica clara a noção da fé desvinculada da razão. Segundo Marcondes: “O pensamento Iluminista é assim fortemente laico e secular e até mesmo, em alguns casos, abertamente anticlerical. As obras de Voltaire e Diderot são exemplos disso”. (MARCONDES, 2001, p.203)

Após conhecer algumas das principais características do pensamento iluminista e resgatar o cenário histórico da época, deve-se direcionar, novamente, para a questão abordada no capítulo, ou seja, a Idade Média através do olhar iluminista, o “século das luzes” e o “século das trevas”. O primeiro, onde a razão caminhava rumo à liberdade, com pensamentos científicos que levaram à ideia de um Estado laico desvinculado da Igreja, o segundo, governado por dogmas e onde o papel da Igreja era fortemente imposto, onde o misticismo e a fé predominavam, mas que, porém, foi a chave para as descobertas e inovações, como por exemplo o surgimento das primeiras Universidades.

Em resumo, o Iluminismo se apresentava como o “século das luzes” para tentar se contrapor à Idade Média, pois, em um tempo onde a Razão era soberana, tornou-se difícil identificar uma interpretação positiva sobre o medievo.

O período medieval, com todas as suas diferentes manifestações, só pode ser melhor compreendido se considerarmos as suas reais peculiaridades, se deixarmos de olhá-lo como um imenso hiato entre duas civilizações, se reconhecermos que foi verdadeiramente nele que se construiu a concepção de mundo e de homem da Europa ocidental e cristã. (INÁCIO; DE LUCA, 1994, p.87)

3.3 A Idade Média para o Romantismo

O Romantismo é produto de duas grandes revoluções ocorridas no século XVIII, a chamada Revolução Francesa e a primeira Revolução Industrial ocorrida na Inglaterra. A frustração causada por essas duas revoluções se transporta a um panorama no início do século XIX, ou seja, tem-se uma consequência direta nos primeiros anos do século XIX. O Romantismo começa na Alemanha, mas será na França que ele se espalha para o resto do mundo.

“Por volta de 1770 eclodiu na Alemanha, estimulado em partes por sugestões vindas da França (Rousseau) e Inglaterra (Young, Wood, “Ossian”), o primeiro movimento “romântico” amplo da Europa”. (ROSENFELD, 1969, p.146)

O Romantismo é uma escola de pensamento, pois não se pode dizer que o Romantismo é uma Filosofia, porque ao analisar todo o movimento é possível perceber que, foi um estilo de pensamento que abrangeu diversos aspectos e resgatou fatores do passado, isto é, o foco não estava na fundamentação de um conhecimento com bases em doutrinas filosóficas.

Talvez seja de fato mais adequado falar em pensamento romântico do que em filosofia do romantismo, já que pensadores como Holderlin, Novalis, Schiller e Schlegel não se consideram propriamente filósofos no sentido tradicional, embora tenham utilizado o termo “romântico” para descrever este movimento. O Romantismo foi assim muito mais uma atitude e um estilo de pensamento do que uma teoria ou uma doutrina filosófica. A preocupação desses poetas e escritores não era tanto com o conhecimento dos primeiros princípios ou a explicação da realidade, não era voltada para a fundamentação de um conhecimento ou a validação de uma ética, não tinha um caráter lógico argumentativo. (MARCONDES, 2001, p.240)

A Revolução Industrial e a Revolução Francesa foram fatores de grande influência para esta nova escola surgir, pois a ideologia da Revolução Francesa de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” promoveu uma liberdade de se expor na escrita, destacou-se também a identidade nacional, despertou a valorização da história de cada região. Com isso, inicia-se uma visão diferenciada em relação à Idade Média.

O Romantismo é a arte da burguesia em ascensão, a arte que representa os gostos, os valores e os interesses dessa classe social e é feita para este público, uma arte assentada no subjetivismo, individualismo, ou seja, a arte deve ser uma expressão do indivíduo.

As conquistas de Napoleão tinham alimentado o fenômeno, pois a pretensão do imperador francês de reunir a Europa sob uma única direção despertou em cada região dominada ou ameaçada uma valorização de suas especificidades. Ao mesmo tempo, tudo isso punha em xeque a validade do racionalismo, tão exaltado pela centúria anterior, e que levava a Europa àquele contexto de conturbações, revoluções e guerras. A nostalgia romântica pela Idade Média fazia com que ela fosse considerada o momento de origem das nacionalidades, satisfazendo assim os novos sentimentos do século XIX. (FRANCO JR, 2001, p.12)

A primeira fase do Romantismo resgatou e retratou valores históricos, inclusive elementos medievais. Percebe-se a figura do grande herói, o cavaleiro medieval, a natureza como cenário, um resgate das obras religiosas e, por fim, o nacionalismo.

Outra característica é a fuga da realidade, por este motivo o Romantismo retrata a Idade Média de maneira fantasiosa, ou seja, juntamente com a admiração do passado histórico surge o idealismo, isto é, criavam a sua própria concepção, mesmo que para isso fosse necessário alterar o que realmente aconteceu.

Com isso, cabe constatar, a partir do ponto de vista de Franco Junior, que:

Essa Idade Média dos escritores e músicos românticos era tão preconceituosa quanto a dos renascentistas e dos iluministas. Para estes dois, ela teria sido uma época negra, a ser relegada da memória histórica. Para aqueles, um período esplêndido, um dos grandes momentos da trajetória humana, algo a ser imitado, prolongado. Tal atração fez o Romantismo restaurar inúmeros monumentos medievais e construir palácios e igrejas neogóticas, mas inventando detalhes, modificando concepções, criando a sua Idade Média. (FRANCO JR, 2001, p.13)

Evidencia-se que o Romantismo valorizava o passado, os cavaleiros medievais, a honra dos homens, mas de qualquer forma a Idade Média permanecia imprecisa diante das interpretações renascentistas/iluministas e da admiração que surgira com o Romantismo.

É necessário compreender que todos os períodos que compõem a história apresentam suas características e suas contribuições na formação de novas perspectivas, novas invenções, mantendo o que se chama de dialética, isto é, as transformações constantes entre passado e presente que estão ligadas diretamente e que contribuem para mudar os rumos da História.

3.4 A particularidade do pensamento de Michelet

Jules Michelet foi um importante historiador que viveu entre os séculos XVIII e XIX. Segundo Franco Junior: “Na sua *Histoire de France*, ele reservou seis volumes à Idade Média (1833-1844), definindo-a como “aquilo que amamos, aquilo que nos amamentou quando pequenos, aquilo que foi nosso pai e nossa mãe”. (FRANCO JR, 2001, p.13)

Michelet contribuiu para a invenção de uma prática moderna da história no século XIX. Apresentou uma visão renovada do passado juntamente com novos princípios epistemológicos. Le Goff em seu livro “Para um novo conceito de idade Média” dedica um capítulo específico ao autor Michelet titulado como: “As Idades Médias de Michelet”, ou seja, Le Goff distingue mais de uma Idade Média apresentadas por Michelet e ressalta sua particularidade em relação a forma de se escrever a história.

Julgo poder distinguir três ou talvez quatro Idades médias de Michelet. A chave de tal evolução é a forma como Michelet, mais que outro qualquer, lê e escreve a história do passado à luz da história do presente. A relação histórica entre Michelet e a idade Média varia segundo as relações de Michelet com a história contemporânea. (LE GOFF, 1980, p.22)

Convém esclarecer que Michelet escrevia refletindo os acontecimentos vivenciados por ele no presente, em vista disso, se explica as distinções de Idade Média em Michelet apresentadas por Le Goff. Tem-se, para comprovação, seus escritos no decorrer dos anos, podendo citar, por exemplo, que de 1833 à 1862 a Idade Média de Michelet se transformou, como se fosse ele próprio: antes uma Idade Média obscura retratada em um momento de revoluções e transformações na sociedade em que Michelet se inseria, como as injustiças da sociedade industrial nascente; após isso, uma Idade Média encantadora onde se tem uma totalidade de características que permitem ao historiador encará-la e interpretá-la.

“De 1833 a 1844, Michelet sofre o encanto da Idade Média, de uma Idade Média positiva até nas suas desgraças e nos seus horrores. O que então o seduziu na Idade Média foi, antes do mais, poder fazer essa história total”. (LE GOFF, 1980, p.23)

Michelet, segundo Le Goff, foi um grande divisor de opiniões, pela sua história total, isto é, tudo o que se refere ao homem se torna objeto da História. Mostrou e deixou claro sua paixão pelos documentos, de todos os possíveis que constituíam as ciências humanas.

“A Idade Média que nos falta inventar, quer dizer descobrir, depois dele e segundo ele, é uma Idade Média total, que sai de todos os documentos possíveis (...)”. (LE GOFF, 1980, p.39)

Assim sendo, cabe enfatizar que Michelet apresentou uma forma diferente de se escrever e interpretar a história, o que hoje pode-se ver com a Nova História, a busca por uma história onde se tem combinações de outras ciências sociais e a formação da história das mentalidades, esse aglomerado de ideias e construções teóricas que são feitas através do olhar do pesquisador. Cabe salientar, por fim, que Michelet representa a historicidade de quem narra a pesquisa histórica, sua forma ampla de se identificar na escrita contribuiu na formação de diversas opiniões, pois suas obras estão repletas de peculiaridades que sintetizavam, até mesmo, o próprio Michelet.

4. A Idade Média através do olhar do século XX: o Positivismo e a Escola dos Annales

Muitos dos pensadores do século XIX acreditavam que poderiam ser inteiramente neutros, isto é, isolar o fato histórico independente de qualquer teoria ou de qualquer filosofia da História. Sobre esta questão, cabe citar, um dos maiores representantes do pensamento positivista, Leopold Von Ranke, que era um homem do seu tempo, ou seja, foi influenciado pelas ideias presentes em seu tempo histórico, um escritor pós Revolução Francesa e pós Iluminismo.

A personalidade mais representativa da tendência positivista é certamente Leopold Von Ranke. As suas palavras, segundo as quais incumbe ao historiador não a apreciação do passado, nem a instrução dos seus contemporâneos, mas apenas dar contas do que realmente se passou. (SCHAFF, 1995, p.102)

O positivismo presume poder produzir uma sequência de eventos, considerados relevantes e importantes, que tratavam basicamente dos grandes homens e das grandes civilizações. É importante lembrar que os positivistas apresentavam a convicção de que era possível fazer um relato objetivo do passado. Acreditavam que, simplesmente, encadear eventos importantes era suficiente para se fazer a História, em vista disso, o historiador deveria deixar de lado todas as suas crenças políticas e ideológicas, isto é, deixar de lado toda a sua subjetividade na análise das fontes históricas. Segundo Schaff, referindo-se ao Positivismo: “[...] o historiador, na qualidade de sujeito que conhece, é capaz de imparcialidade”. (SCHAFF, 1995, p.102)

A retratação da Idade Média através do olhar positivista, apresenta uma série de informações datadas sequencialmente e ressaltando as figuras de maior destaque que teriam marcado a História. Mas deve-se atentar ao fato de que, o Positivismo apresentou contribuições, como trazer a ideia de distinção do relato histórico de outros tipos de relatos sem a aplicação de um método, sem o rigor científico, pois é o rigor científico que distingue o estudo da História, enquanto ciência, de outros tipos de narrativas. O relato histórico feito a partir das análises das fontes, apresenta critérios científicos, em vista disso, as ideias positivistas contribuíram para a construção da História enquanto ciência.

Retornando novamente a abordagem de Idade Média, depois da interpretação de “Idade das Trevas”, diversas escolas teóricas da História deram outras interpretações a esse período, como a Escola dos Annales, fundada por Lucian Febvre e Marc Bloch em 1929.

A expressão “a nova história” é bem mais conhecida na França. *La nouvelle histoire* é o título de uma coleção de ensaios editada pelo renomado medievalista francês Jacques Le Goff. Le Goff também auxiliou na edição de uma maciça coleção de ensaios de três volumes acerca de “novos problemas”, “novas abordagens” e “novos objetos”. Nesses casos está claro o que é a nova história: é uma história *made in France*, o país da *nouvelle vague* e do *nouveau roman*, sem mencionar *la nouvelle cuisine*. Mais exatamente, é a história associada à chamada *École des Annales*, agrupada em torno da revista *Annales: économies, sociétés, civilisations*. (BURKE, 1992, p.9)

A proposta teórica dessa revista era incorporar o estudo de História englobando outras ciências sociais, fugir da história positivista dos eventos, isto é, factual, e integrar outras dimensões: econômica, cultural, social. Sair dos grandes repertórios de fatos e trabalhar os conceitos históricos a partir de outros olhares, repensando a própria questão do tempo. Tanto para Febvre quanto para Bloch a História era filha do tempo, isto é, o historiador não deve se prender às cronologias que são determinadas politicamente. “Na celebre formulação de Lucian Febvre, feita em 1942 no seu *Le problème de l'incroyance au XVI siècle. La religion de Rebelais*, “a História é Filha de seu tempo”, por isso cada época tem “sua Grécia, sua Idade Média e seu Renascimento”. (FRANCO JR, 2001, p.14)

O tempo humano, em resumo, permanecerá sempre rebelde tanto à implacável uniformidade como ao seccionamento rígido do tempo do relógio. Faltam-lhe medidas adequadas à variabilidade de seu ritmo e que, como limites, aceitem frequentemente, porque a realidade assim o quer, conhecer apenas zonas marginais. É apenas ao preço dessa plasticidade que a história pode esperar adaptar, segundo as palavras de Bergson, suas classificações às “próprias linhas do real”: o que é propriamente a finalidade última de toda ciência. (BLOCH, 2001, p.153)

Marc Bloch foi extremamente importante na definição dos paradigmas da Nova História, foi responsável por apresentar reflexões sobre o verdadeiro significado da História, mostrando que História não são apenas pressupostos teóricos, mas sim uma ciência viva.

Lucien Febvre e Marc Bloch demonstraram que o tempo e a ação do homem ao longo dele são objetos de estudo da História e que uma ciência não se define apenas por seus objetos, pois uma ciência se define também por seus métodos. A Escola dos Annales trouxe a riqueza e a variedade dos métodos.

Um dos objetivos de Marc Bloch e Lucien Febvre era a constituição de uma história com uma visão global, recusando a história mais fragmentada, pois pretendiam entender o homem em sua totalidade, e este objetivo era uma das características fundamentais da Escola dos Annales, pelo menos na primeira e segunda geração. (CANABARRO, 2008, p.78)

Vale ressaltar a segunda geração dos Annales, onde a ideia de se produzir uma história total avançou consideravelmente, visto que surgiu a concepção de se trabalhar com as dimensões existentes na sociedade. É importante lembrar que, nesse momento existiu um importante historiador visto como primordial na criação dessa identidade, Fernand Braudel.

Braudel desenvolveu a concepção de longa duração, com isso ele esclareceu a importância que o tempo tem na vida social através de uma divisão em três tempos: estrutura, conjuntura e eventos. Para Braudel, o tempo curto ou dos eventos são os acontecimentos situados em um determinado contexto históricos, pode-se citar como exemplo as inúmeras batalhas presentes na Segunda Guerra Mundial. Já o tempo da conjuntura é considerado um tempo médio onde se aborda as estruturas políticas, econômicas e sociais, como por exemplo, a Segunda Guerra Mundial. Por fim, o tempo da longa duração, que é um tempo muito mais longo, uma coerência contínua que tem relações bastante fixas entre as realidades e as sociedades. São coisas estáveis que atravessam gerações e que normalmente são chamadas de estruturas, podendo citar como exemplo, o capitalismo.

Em sua obra "O Mediterrâneo", é possível perceber essa análise que Braudel faz, essa separação do tempo estrutural, conjuntural e dos eventos.

A obra é dividida em três partes, cada uma delas contém um prefácio explicativo. A primeira parte trata da história quase sem tempo, ou seja, a longa duração da história, estudando a relação do homem com o ambiente; a segunda parte, a história da estrutura econômica, social e política; a terceira parte trata da história dos acontecimentos. (CANABARRO, 2008, p.87)

Partindo de Le Goff, - historiador destacado na terceira geração dos Annales - e resgatando novamente a questão da história medieval, o que se pode constatar é que, este autor,

olhou para a Idade Média e percebeu a complexidade da sociedade em um período de mil anos. Para a história francesa esse período medieval é importantíssimo, porque é o momento da consolidação da França como um estado nacional, é o momento em que a monarquia francesa se fixa como um poder e vai consolidando suas áreas de influência, até conseguir construir o conceito da monarquia absoluta, posteriormente já na Idade Moderna.

A Idade Média de Le Goff, é um período rico e fértil, em que intelectuais estão se consolidando em uma categoria, porque é o momento do surgimento das universidades, num primeiro instante ligados às ordens religiosas, mas, posteriormente, começam a surgir escritores e artistas.

Finalmente, passou-se a tentar ver a idade Média com os olhos dela própria, não com os daqueles que viveram noutro momento. Entendeu-se que a função do historiador é compreender, não a de julgar o passado. Logo, o único referencial possível para se ver a idade Média é a própria Idade Média. Com base nessa postura, e elaborando, para concretizá-la, inúmeras novas metodologias e técnicas, a historiografia medievalista deu um enorme salto qualitativo. Sem risco de exagerar, pode-se dizer que o medievalismo se tornou uma espécie de carro-chefe da historiografia contemporânea, ao propor temas, experimentar métodos, rever conceitos, dialogar intimamente com outras ciências humanas. (FRANCO JR, 2001, p.13)

Foi esta nova forma de interpretar os fatos históricos que transformaram a visão atribuída ao período medieval, mostrando que toda aquela tradição riquíssima greco-romana, persa e dos povos indo-europeus que trouxeram a Matemática, a Astronomia e a Engenharia, e que permitiu que a Europa fosse crescendo como um conceito estava presente na Idade Média. Segundo José Carlos Reis: “O historiador dos Annales abordou a história com um “novo olhar”, isto é, com uma nova representação do tempo histórico”. (REIS, 2004, p.15)

A partir dos inúmeros acontecimentos que formaram a mentalidade medieval, se encontram os caminhos que transformaram as características da época, desde a queda do Império Romano até o final do século XV formou-se a base do que hoje chama-se Europa Moderna, todos os seus traços, as descobertas que a levaram ao progresso, estão estritamente ligadas às formas medievais antecedentes, que se desenvolveram a partir da necessidade instintiva do homem em manter-se vivo.

Com isso, pode-se perceber que, mais que trevas e obscuridade, existiram aqueles que se dedicaram a combater esse paradigma dando origem a outra visão, com mais luz e riqueza, onde os caminhos que levaram às bases econômicas e sociais se iniciaram e onde nasceu a liberdade, que antes era restrita à terra e ao senhor dono dela.

A concepção de história para os Annales rompe com as formas tradicionais, pois é proposto pensar o conhecimento histórico a partir de uma visão que aproxima cada vez mais a história conhecimento da história experiência. Esta perspectiva nos faz

compreender que a história deve ser pensada como uma possibilidade de entendermos a sociedade em suas múltiplas dimensões. (CANABARRO, 2008, p.76)

Com o surgimento da Escola dos Annales, foi possível ir além da ideia positivista, de registrar o que eles consideravam real apenas, e se abstinham de grandes análises teóricas ou metodológicas. Para a Idade Média que estava tão distante enquanto objeto de pesquisa, os historiadores positivistas compuseram uma série de repertórios, então era comum que se encontrasse grandes manuais de fatos, datas e nomes. A Escola dos Annales deu lugar a uma nova interpretação na maneira de se analisar a história, considerando o tempo em que cada sociedade se desenvolveu, levando em consideração as dificuldades enfrentadas na época e como funcionava toda a mentalidade fugindo da interpretação anacrônica de analisar os tempos medievais com o olhar contemporâneo. A Idade Média teria sido o momento em que a economia europeia iniciou seu florescimento.

O século XV foi um período de grande abertura da economia europeia. O seu grande historiador é Fernand Braudel, que a definiu, para descrevê-la e explicá-la, a expressão “economia-mundo”. A economia-mundo é a constituição de um espaço no qual ocorrem trocas econômicas regulares dirigidas por uma cidade ou uma região central. Foi pelo estabelecimento de relações regulares entre a Europa do Norte, a Flandre e o mundo asiático, e os grandes portos italianos (Genova, Veneza), no século XIV, que se teria constituído uma economia-mundo europeia. (LE GOFF, 2007.p.253-254)

É possível perceber que deve-se à Idade Média uma profunda herança cultural, econômica e política que construíram os pilares do que hoje conhecemos por Europa, todos os acontecimentos tanto negativos como positivos em relação ao período que compreende a vida do homem medieval, criou caminhos para o desenvolvimento tanto comercial como intelectual.

Se a Idade Média era só trevas e ignorância como pessoas comuns, pedreiros, carpinteiros, pintores, vidraceiros e escultores puderam erguer os mais belos e majestosos edifícios, às catedrais góticas. Eles criaram ornamentos em pedras e vidros, inundando interiores vastos com cores e luz, grande complexidade e beleza.

Exatamente para desmentir a lenda dos tempos escuros, é conveniente que se pense no gosto medieval da luz. Além de identificar a beleza com a proporção, a Idade Média identificava-a com a luz e a cor, e esta cor era sempre elementar: uma sinfonia de vermelho, azul, ouro, prata, branco e verde, sem esbatidos nem claros-escuros, em que o esplendor é gerado pelo acordo geral em vez de se fazer por uma luz que envolve as coisas por fora ou de fazer escorregar a cor para fora dos limites da figura. Nas miniaturas medievais a luz parece irradiar dos objetos. (ECO, 2010, p.10)

Longe de ser a Idade das Trevas, a Idade Média poderia ser melhor descrita como a Idade Brilhante, época de grande desenvolvimento, a própria evolução da medicina mudou o mundo moderno. Dentro do contexto da Idade Média a evolução foi grande, o homem medieval

admirava a natureza, pois dela vinha seu sustento, nos tempos atuais vê-se o contrário, o homem de hoje domina a natureza não aproveitando a beleza que nela vive.

O grande problema do mundo atual, é o esquecimento contínuo daquilo que está mais afastado do presente, as recordações se remetem apenas às lembranças próximas como se a construção da mentalidade atual não dependesse de todo o desenvolvimento humano que, se iniciou no passado e, juntamente com essa herança construída de séculos em séculos pode-se ressaltar a Idade Média.

Se aceitamos a afirmação de um historiador do século XIX de que “o que há de mais vivo no presente é o passado”, no caso da civilização ocidental não é difícil identificar tal passado com a Idade Média. Contudo o homem atual se reconhece mais nas coisas superficiais, de origem recente, do que nas essenciais, que vem daquela época. Como muito bem percebeu um conhecido escritor de hoje, o checo Milan Kundera, “a atualidade é um acontecimento destinado a ser esquecido rapidamente. Um mundo obcecado pela atualidade é um mundo obcecado pelo esquecimento”. Este é um grave problema do mundo atual, no qual os meios de comunicação de massa uniformizam, apagam e constroem fatos incessantemente. Desta forma, há um afastamento da cultura, baseada no indivíduo, na inquietação, na interrogação, não em respostas prontas e rápidas. (FRANCO JR, 2001, p.171)

Atualmente, se passou a ver esse momento da história com os olhos dele próprio, não com os daqueles que viveram em outro momento, pois a função do historiador é compreender o passado e, para isso a interpretação anacrônica não é válida. Segundo Le Goff, a Idade Média foi: “[...] um período de criatividade, de inovações, de avanço extraordinário. Creio que é precioso sublinhar como uma experiência adquirida para a Europa inteira” (LE GOFF, 2007, p.280)

5. Considerações Finais

Neste trabalho foram levantados os fatores que promoveram uma nova perspectiva em relação ao período conhecido como “Idade Média”. Traçou-se um paralelo entre a visão negativa do período caracterizando-o como “Idade das Trevas” e uma visão mais ampla, levando em consideração o tempo histórico em que a sociedade medieval se estabelecia.

O pressuposto apresentado na hipótese, de que esse período denominado “trevas” está além da visão superficial na maioria das vezes apresentada, comprovou-se, pois a Idade Média, de fato, é composta por inúmeros fatores que ampliaram seu grau de complexidade, tanto políticos, econômicos quanto religiosos.

Esclareceu-se que, a Idade Média foi um período de gestação da modernidade em que as relações de trabalho se transformaram, o conceito de propriedade se transformou, e essa complexidade se dá, pois exatamente nesse período, as vilas, os burgos e as relações entre burgueses e camponeses se transformaram.

Mostrou-se que, o homem medieval simplesmente não parou de pensar e se ajoelhou perante o altar, mas se adequou-se às transformações do período em questão, posto que, a força instintiva para manter-se vivo levou a sociedade medieval (que passou a maior parte do período ligada às relações de dependência pessoal), a despertar para um novo contexto, retornar ao ar das cidades e lutar pela liberdade através do comércio que possibilitou a retomada da vida urbana.

As interpretações dos renascentistas e iluministas, em relação à Idade Média, mostrou-se reducionista, pois considerar os mil anos que se compreendem o período medieval apenas como um período intermediário onde ocorreu um recuo no progresso humano, foi uma visão empobrecida sem atribuir a este período inovações que, de fato, se mostraram importantes para o desenvolvimento da Europa.

De forma concisa, foi possível mostrar as peculiaridades do pensamento de Michelet, que apresentou uma forma própria de se escrever a história se tornando um grande divisor de ideias, a partir das perspectivas apresentadas por Le Goff.

Apresentou-se também, as características que marcaram o pensamento positivista do século XIX, ressaltando a sua forma de se escrever a história, de forma passiva e contemplativa com base em suas fontes de pesquisa.

A partir da visão da Escola dos Annales, aqui apresentadas, foi possível perceber o que se mantinha impercebível por anos, que a Idade Média foi um período rico em suas contribuições e mudanças. Mais que um retrocesso, foi uma retomada ao progresso, mais que ignorância, foi o surgimento das universidades e o despertar da vida intelectual juntamente com escritores e artistas.

Conclui-se, portanto, que qualquer período da História é, indubitavelmente, importante para desenvolver aquilo que chamamos hoje de presente, pois é necessário compreender os fatos ocorridos no passado para identificar as bases onde hoje se engloba a mentalidade contemporânea e como se deu sua formação.

6. Referências Bibliográficas

- BLOCH, Marc. **A Sociedade Feudal**. Lisboa: Edições 70, 1982.
- BURKE, Peter. Abertura: A Nova História, seu passado e seu futuro, In: BURKE, Peter. (org.) **A Escrita da História: novas perspectivas**, 2. ed. São Paulo: UNESP, 1992.
- CANABARRO, Ivo dos Santos. **Teoria e Método da história**. Rio Grande do Sul: Ed. Unijuí, 2008.
- DELUMEAU, Jean. **A Civilização do Renascimento**. Lisboa: Estampa, 1994.
- ECO, Umberto. **Idade Média: bárbaros, cristãos e muçulmanos**. Portugal: Leya, 2010.
- FRANCO JR., Hilário. **A Idade Média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- FORTES, Luiz Roberto Salinas. **O Iluminismo e os Reis Filósofos**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- GOOD, Jack. **Renascimentos: Um ou Muitos?** São Paulo: Unesp, 2011.
- GOMBRICH, Ernst. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1999.
- HEERS, Jacques. **História Medieval**. São Paulo: Difel, 1981.
- INÁCIO, Inês C.; DE LUCA, Tania Regina. **O Pensamento Medieval**. São Paulo: Ática, 1994.
- LE GOFF, Jacques. **As Raízes Medievais da Europa**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- _____. **A Idade Média**. Rio de Janeiro: Ediouro Multimídia, 2009.
- _____. **Em Busca da Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- _____. **Os Intelectuais na Idade Média**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- _____. **Para um Novo Conceito de Idade Média: tempo, trabalho e cultura no Ocidente**. Lisboa: Estampa, 1980.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- REIS, José Carlos. **Escola dos Annales**. São Paulo: Paz e terra, 2004.
- ROSENFELD, Anatol. **Texto/Contexto: Ensaio**. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- SCHAFF, Adam. **História e Verdade**, 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.